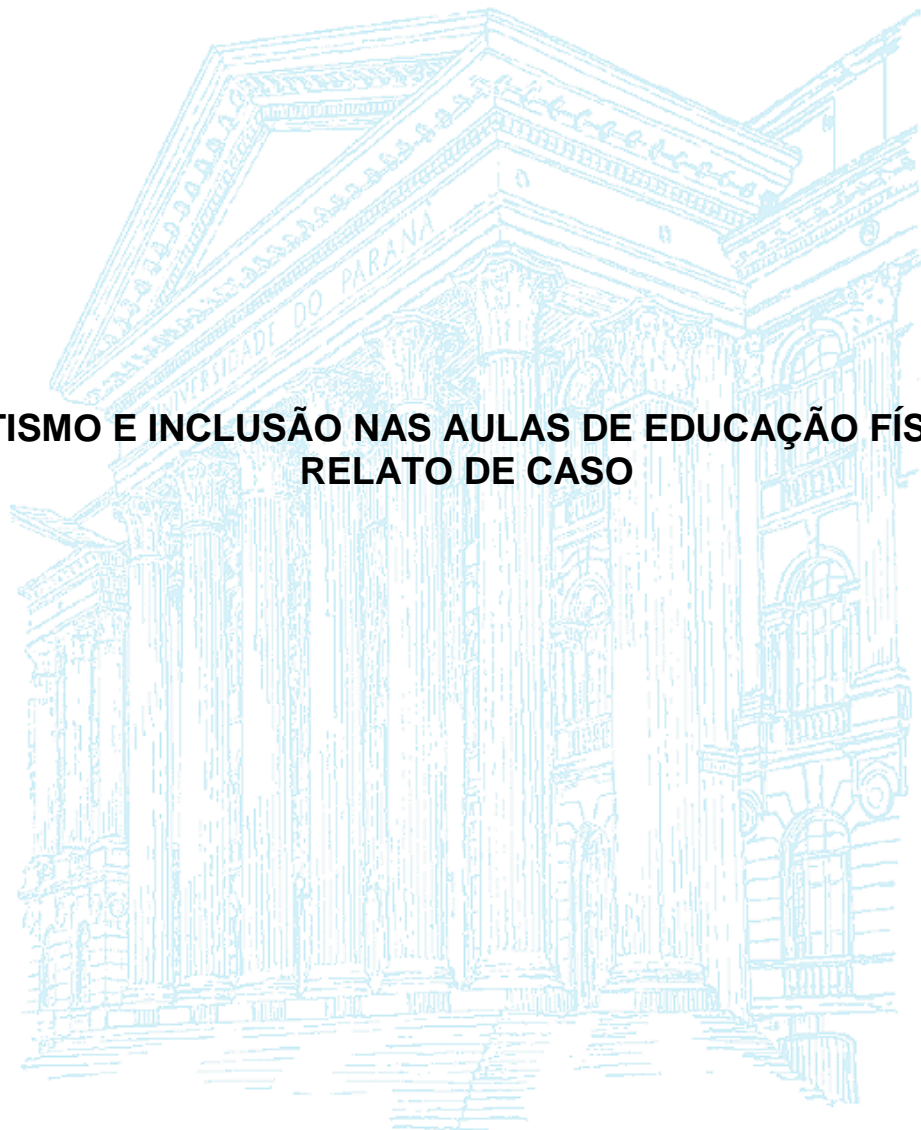


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALFREDO JOSÉ GAZANIGA

**AUTISMO E INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
RELATO DE CASO**



ITAJAÍ  
2016

## **AUTISMO E INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE CASO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Profa Me. Tainá Ribas Mélo

## **AUTISMO E INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE CASO**

**Alfredo José Gazaniga ; Tainá Ribas Mélo**

<sup>1</sup>Professor de Educação Especial da Apae Guabiruba – SC. Educação Física/UNIFEBE. Educação Especial/FURB; E-mail: alfredogazaniga@gmail.com

<sup>2</sup>Fisioterapeuta da Prefeitura de Paranaguá. Doutoranda em Atividade Física e Saúde/UFPR. Docente e tutora do curso de Especialização Gênero e Diversidade na escola (UFPR). E-mail: ribasmelo@yahoo.com.br

**Resumo:** Visando identificar como acontece o processo de inclusão na escola pública surgiu a ideia de conhecer como ocorre o processo de ensino-aprendizagem de um com deficiência nas aulas de educação física. Após as considerações iniciais, apresenta-se o problema desta investigação: de qual forma é realizado o processo de inclusão de um aluno do 3º ano das séries iniciais, com transtorno do espectro autista, nas aulas de educação física de escola pública na rede municipal de ensino? Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa que analisou a inclusão de um educando com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física. Hoje, o aluno vem sendo muito bem aceito por seus colegas e professores, mostrando algumas melhoras no aspecto social, motor e cognitivo, participando efetivamente das aulas de educação física. Podemos concluir que as aulas de educação física, contribuem sim para o processo de aprendizagem do aluno, se bem trabalhada e contar com profissionais dispostos a abraçarem a causa, não há dúvidas de que o aluno terá muitos ganhos.

**Palavras-chave:** autismo; Educação Física; inclusão

**Abstract:** To identify as in the process of inclusion in public school the idea to know how is the process of teaching and learning with disabilities in physical education classes. After the initial considerations, presents the problem of this research: in what manner is performed the process of adding a student of 3rd year of the initial series with autism spectrum disorder, in physical education classes in public school in the municipal teaching? This is a qualitative approach case study that analyzed the inclusion of a student with autism spectrum disorder in physical education classes. Today, the student has been very well accepted by their peers and teachers, showing some improvements in the social aspect, motor and cognitive effectively participating in physical education classes. We can conclude that physical education classes, but contribute to the process of student learning, if well crafted and rely on professionals willing to embrace the cause, there is no doubt that the student will have many gains.

## INTRODUÇÃO

Percebe-se que a inclusão, no seu papel social, desempenha uma função de oportunizar a todos, direitos iguais perante a sociedade, acolhendo as diferenças e proporcionando uma vida participativa para todas as pessoas. Consideram-se princípios de inclusão:

1. Celebração das diferenças;
2. Direito de pertencer;
3. Valorização da diversidade humana;
4. Igual importância das minorias;
5. Cidadania com qualidade de vida (SASSAKI, 1999, p. 17).

A palavra autismo vem do grego “autos” e significa “voltar-se para si mesmo”, quem deu esse nome à síndrome foi o Austríaco Eugen Bleuler em 1911, mas ele se referia a pessoas com esquizofrenia e não especificamente a autistas.

A primeira organização dos autistas no Brasil foi o AMA (Associação de Amigos do Autista) fundada em 08 de Agosto de 1983, por pais de crianças autistas. Os mesmos tinham em mente repassar seus conhecimentos e experiências vividas com seus filhos para as pessoas, para que começassem a entender como o autismo funciona.

Embora os manuais de classificação diagnóstica anteriormente citados utilizem os termos TGD (transtorno global do desenvolvimento) e TID (transtorno invasivo do desenvolvimento), há mais de 20 anos que os estudos sobre o autismo utilizam o termo Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) para se referir a apenas três transtornos relacionados aos TGD ou aos TID, que são o Transtorno Autista, o Transtorno de Asperger e o Transtorno Global ou Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação<sup>3-7</sup>. Ou seja, nem todos os transtornos classificados como TGD ou TID no DSM-IV e na CID-10 são considerados na categoria diagnóstica dos TEA. Assim, o Transtorno de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância não fazem parte desse espectro. (KHOURY, 2014, p.9)

Muitas pessoas, quando falamos em autismo, têm lembrança de uma criança que brinca com as mãos e dedos sem parar e não para de balançar seu corpo para frente e para trás. Mas, existem autistas que não se comportam desta maneira e, portanto, não se devem colocar estereótipos a eles, mas devemos entendê-los da maneira que são. Muitas crianças apresentam sintomas do autismo desde cedo, outras apresentam somente traços de autismo notados após começarem a convivência em sociedade. Para Gauderer (1993), o autismo é uma

inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos.

A criança desde seu nascimento é monitorada pelos pais em seu dia a dia que, por sua vez, ficam felizes e boquiabertos quando veem seus pequeninos se desenvolverem falando as primeiras palavras, dando os primeiros passos, mas, quando esse desenvolvimento não acontece, os pais devem perceber que algo está errado com a criança.

O acompanhamento desses marcos de desenvolvimento é de fundamental importância para o diagnóstico de qualquer alteração na primeira infância. [...] quanto antes notarmos que algo não vai bem, maiores serão as chances de corrigirmos as disfunções advindas desta condição (SILVA, 2012, p. 20).

Os pais, que ao perceberem que seus filhos não estão se desenvolvendo de acordo com sua idade, ou que ficam excluídos por muito tempo, não querendo participar de atividades com mais crianças, ou que não gostam de visitas, por exemplo, devem imediatamente procurar ajuda médica para tratar desta disfunção. Quanto antes descobrir e começar o tratamento melhor será para a vida social da criança.

A educação inclusiva, que nos últimos anos ganhou enormes proporções em nosso meio, é um tema que surpreende e leva os professores a refletirem sobre seus métodos e conhecimentos. Porém, nem todos estão preparados, tanto profissionalmente quanto no meio físico escolar, para receber os alunos deficientes no espaço escolar.

O papel do professor de educação física na inclusão é o mesmo em qualquer outra modalidade de ensino “é o de criar desequilíbrios, apresentando a seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui.” (SOLER, 2005, p. 107). Dessa forma, não é deixando a criança de canto ou sozinha, mas sim estar sempre atuando como mediador do desenvolvimento físico e cognitivo da mesma. Para Soler (2005, p.107),

O professor deve começar sempre com uma atividade que a criança domina e, aos poucos, ir incorporando novos elementos fazendo com que ela tenha que se reestruturar internamente, gerando sempre novos conhecimentos.

De certa forma, quando os alunos dominam as atividades é o momento de se criar um desequilíbrio, podendo assim dizer que o grupo inteiro evolui.

“Hoje a educação física é desafiada a criar atividades possíveis a todos, e esse desafio é extremamente motivador” (SOLER, 2005, p. 109), sendo assim faz com que os profissionais utilizem seu poder criativo para contribuir na tão sonhada escola para todos e propiciar habilidades também para todos, sempre respeitando o ritmo de cada um.

Analisando-se esta situação, percebe-se que o processo de inclusão nas aulas de educação física escolar do aluno com transtorno do espectro autista precisa avançar nas questões cognitivas, afetivas, motoras, sociais e de recursos didáticos pedagógicos para, assim, proporcionar uma melhor qualidade de vida para os educandos.

A importância e a complexidade do profissional de educação física com que trabalha, tendo cada vez mais de se capacitar para poder ministrar uma aula, e isso só acontecerá se todos tomarem a devida consciência do mesmo. Para que este trabalho de inclusão nas aulas de educação física seja completo, também depende muito da escola, pois a mesma também terá que se modificar para melhor atender à todos os educandos, que apresentem ou não alguma deficiência.

Visando identificar como acontece o processo de (melhoramento e aperfeiçoamento) inclusão na escola pública, surgiu a ideia de conhecer como ocorre o processo de ensino-aprendizagem de um aluno com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física.

Em continuidade, destacam-se o objetivo de conhecer como acontece a inclusão do educando com transtorno do espectro autista do 3º ano das séries iniciais nas aulas de educação física.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa que analisou a inclusão de um educando com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física, que frequenta o 3º ano das séries iniciais do ensino fundamental, em uma escola municipal do município de Guabiruba/SC.

A escola escolhida trata-se de uma instituição de pequeno porte, que atende apenas as séries iniciais do ensino fundamental.

Foram realizadas entrevistas com a mãe do educando por um questionário realizado pelo acadêmico da graduação, para saber uma pouco da história de vida do aluno.

Os professores da escola que lecionam com o aluno colaboraram com as entrevistas, com objetivo de investigar os benefícios e barreiras mais frequentes no ambiente escolar em relação à inclusão de um aluno autista.

Além disso, realizaram-se algumas observações diretas durante as aulas de Educação Física, analisando como se dá a relação aluno-professor, professor-aluno, aluno-aluno, o comportamento e interação do aluno na aula e como ocorre o seu processo de aprendizagem.

Como análise para os resultados foram utilizados dois questionários e observações, assim facilitando no processo do estudo de caso. Com o embasamento dos autores e os dados analisados, foi possível à discussão e construção do projeto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme os referenciais teóricos abordados, pode-se ponderar que trabalhar com um aluno que apresenta o transtorno do espectro autista é um desafio para qualquer professor, pois apesar de se conhecer as características básicas do autismo, cada um tem sua particularidade e seu contexto familiar. Estudo realizado por Vieira, Baldin e Freire (2013, p.8), “É fundamental para o professor entender o perfil individual do comportamento de cada criança e adotar expectativas realistas sobre seu desenvolvimento.” A criança autista pode apresentar atrasos ou alterações na linguagem, que é a área cognitiva mais afetada, pois muitos deles podem ser superdotados em somente alguma área.

Nesse sentido, como o diagnóstico do TEA envolve o comprometimento no neurodesenvolvimento do indivíduo. É necessário pontuar que o transtorno causará déficits no funcionamento do cérebro da criança, que, por sua vez, ao se encontrar em processo de desenvolvimento, possivelmente, irá ter como consequência atrasos na fala, na aprendizagem e na aquisição de seus gestos motores. (SOARES; CAVALCANTE NETO, 2015, p.447)

Porém, o que mais nos chama atenção, e é a parte que a maioria encontra dificuldades, é na questão sócio-afetiva, na qual a criança não consegue manter

uma relação com o meio e enxergar o indivíduo como um ser a ser compreendido, relacionável e amigável. Segundo Caetano (apud TOMÉ, 2007, p. 6), "o uso da Educação Física como meio de ensino para a criança com autismo ajuda no desenvolvimento de suas habilidades sociais e melhoria da qualidade de vida.

Inserir um aluno com essas características, nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente se o meio físico e social não estiverem preparados para incluí-lo. Para isso, nas escolas, o auxílio do professor de Educação Especial é um dos meios mais eficazes para conciliar a dificuldade com possíveis soluções. Além disso, o ambiente escolar e os alunos da sala deverão ter conhecimento e saber entender o aluno autista com seus limites e suas habilidades.

Existem casos de crianças autistas com comportamentos sociais mais comprometidos sendo agressivos "[...] que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas." (SILVA, 2012, p. 22).

Além disso, o professor que estiver à frente do processo de inclusão, deverá ter segurança e estar preparado para realizar trabalhos concretos e eficientes, para atingir o aluno nas suas habilidades e buscar melhorar e/ou corrigir suas dificuldades.

Como muito citado pelos professores nas entrevistas, o educando fica mais agitado em situações em que suas expectativas não condizem com o que acontece, ou seja, quando ele perde em alguma atividade ou quando é dito alguma regra que o mesmo não queira cumprir.

No relato da professora da turma, (professor 1,2015):

"Comecei a dar aula esse dia para ele, acompanhava ele ano passado, mas não tinha essa aproximação que tenho esse ano. Um menino muito inteligente capta as coisas muito fácil, quando não quer algo ele é meio agressivo, não de forma física, mas de forma verbal, questionando o porque de muitas coisas, mas sempre muito é carinhoso e querido.

Busco sempre manter uma relação com a professora II dele, para podermos trabalhar juntas. Comigo e até com os demais, ele tem um comportamento tranquilo, na qual busco sempre conversar com a turma pra que eles também tenham paciência e procurem entender suas dificuldades. "

A professora II relatou, (professora 2, 2015):

"No começo tive um pouco de dificuldades para manter uma rotina e até ele se familiarizar com a minha presença. Ele tem algumas vezes

comportamento explosivo, de não aceitar as coisas, mas isso eu percebo quando vou trabalhar algo que não interessa muito ele, e por ventura disso, provoco mais ele, pra ver se ele vai ter outro comportamento ou atitude. Insisto ele sempre à ir mais. Ele me respeita, por ser a professora que mais convivo com ele, primeiro ele recorre pra mim, só depois ele recorre à professora regente.

As aulas rendem até às quatro horas da tarde, depois desse horário ele não quer mais participar, a não ser, que a aula seja de educação física, daí ele participa sem problemas. Em dias de prova, ele participa da prova e entende por ser um momento de concentração, ele fica em silêncio, não se levanta pra não atrapalhar.”

O professor de Educação Física relatou, (professor 3, 2015):

“Eu tenho uma relação muito boa, algumas vezes ele apresenta comportamento agitado, com raiva e briga, mas nem sempre”. Só quando ele se irrita com algo ou perde na brincadeira. Ele nunca me agrediu fisicamente e nem verbalmente, só quando se irrita não corresponde mais o professor. Entre ele os amigos, ele é mais agitado, principalmente quando num pega-pega, por exemplo, ele é pego, já começa a ficar irritado e agressivo. Até teve um caso, em que ele perdeu na brincadeira e jogou um material num aluno que machucou. Esse aluno falou que não iria ser mais amigo dele, porque ele não soube perder e o machucou, nesse momento, ele ficou auto se punindo por ter feito aquilo e ficou brabo consigo porque pedia desculpas ao menino, mas ele não queria aceitar as desculpas, deixando-o mais irritado ainda com o que ele fez.

Segundo Soares e Cavalcante Neto (2015 apud CUNHA, 2010, p. 447), “Dessa forma, crianças com transtorno do espectro do autismo podem ter dificuldades no que diz respeito ao comportamento motor, visto que em muitos casos existem problemas nas questões sociais, sendo complicado o estabelecimento de brincadeiras para a estimulação de tal domínio nessas crianças.”

No começo, já se pode perceber que, apesar de seu transtorno, o aluno consegue manter uma relação de carinho e amizade com os demais, porém de forma vaga, porém não apresentando nenhuma agressividade física. A maior dificuldade realmente encontrada foi à concentração do mesmo nas aulas, a dificuldade de aceitar regras e entender que precisa ter relação amigável com os demais para viver em sociedade.

Dificuldade de sociabilização - este é o ponto crucial no autismo, e o mais fácil de gerar falsas interpretações. Significa a dificuldade em relacionar-se com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e a dificuldade na discriminação entre diferentes pessoas. (MELLO, 2003, p. 14).

Nas atividades as quais não lhe interessavam, era nítido o desinteresse do aluno que, conseqüentemente, saída da sala de aula.

Segundo Caetano (apud TOMÉ, 2007, p. 6), "O profissional deve utilizar atividades coerentes com a realidade da criança em função da tríade autística, caso contrário pode dificultar a aprendizagem e até mesmo causar frustração. [...]."

Notou-se também que tanto na família, quanto na escola, é realizada com o aluno a rotina que ele deverá seguir durante seu dia a dia, ajudando-o assim a prepará-lo para as atividades a serem realizadas. No estudo realizado por Lopez e Pavelacki (2005, p.3) "Sabendo que o autista não se adapta ao mundo externo, é preciso que na escola, ele tenha uma rotina estruturada, que faz com que ele situe-se no espaço e tempo. O professor também deve fazer parte dessa rotina, compreendendo que a mesma não é uma restrição a sua criatividade."

Além disso, nas aulas de educação física, foi perceptível, que o aluno se interessa muito em atividades que envolvem corrida, uma das atividades mais básicas dos conteúdos da Educação Física, porém a que mais interage o aluno com os demais da turma. "Segundo Caetano (2011 apud MAROCCO e REZER, 2010, p. 6)," O profissional de Educação Física deve utilizar atividades baseando-se no que a criança gosta, não impondo algo que ele nunca teve contato ou não gosta, acrescentando-as gradativamente conforme a criança for se adaptando." Nesses momentos, o aluno mantém mais relação social com os amigos e isso o faz compreender a importância da boa convivência no meio social e no respeito mútuo entre todos.

"A dificuldade de socialização do autista deve ser vista como um grande desafio para o professor de educação física, sabendo que em muitos dos casos a criança preserva sua inteligência, cabe ao professor de educação física desenvolver atividades que estimulem a integração, cooperação e o trabalho em grupo." (SOUZA; FACHADA, 2012, p.1)

Foi notado que a educação física inclusiva, apesar de seu lento processo, já está sendo realizada em algumas escolas, na qual não só os deficientes são beneficiados com essa ideia de inclusão "[...] e sim toda a sociedade, que por muitos anos fechou os olhos para as diferenças que são visíveis e inegáveis. A pior deficiência é o preconceito." (SOLER, 2005, p. 20)

Segundo Soler (2005, p. 21) "[...] não devemos criar impedimentos para as crianças deficientes, muito pelo contrário, devemos criar facilidades para que elas possam conviver com a diferença." Lidar com essas diferenças faz com que criemos uma população mais atenta às diferenças, valorizando e respeitando ainda mais e não continuar alimentando esses preconceitos, "[...] devemos ensinar as crianças

que apesar de uma pessoa ter deficiência em uma área ela pode ter uma hipereficiência em outra área.” (SOLER, 2005, p. 21), conseguindo assim valorizar o potencial de cada um.

Como também relatado pelo professor de Educação Física, foi percebido que o aluno tem seus limites nas aulas, algumas vezes não participando o tempo todo das atividades e quando contrariado fica mais agressivo e agitado. Dessa forma, a inclusão com os demais alunos acontece por parte do professor e com a ajuda da professora II.

Pessoas com autismo, no entanto, apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas (SILVA, 2012, p. 22).

Sabemos que manter o aluno concentrado na aula é uma tarefa difícil, mas como observado, os professores buscam a cada dia métodos e maneiras diferenciadas para instigar o aluno a participar e interagir nas aulas de forma mais eficiente.

A didática utilizada pelos profissionais tanto na escola regular quanto na escola especial é a criação de uma rotina com o aluno, na qual desde o início da aula, o aluno tem o conhecimento de todas as disciplinas que ele terá no dia de aula. Estabelecendo essa rotina, as professoras de sala, adaptam as atividades para o aluno sendo que, em algumas situações, o aluno conseguiu acompanhar a turma sem adaptações nas atividades.

Os autistas necessitam de rotinas em seu dia a dia, segundo Silva (2012, p. 41,42), “muitas crianças com autismo ficam ansiosas com mudanças e têm grandes problemas com transições”. Além da mudança de rotina, o autista demora para mudar sua mente de uma cena a outra.

Alguns estudos mostram que pessoas com autismo demoram mais tempo para mudar a atenção de uma coisa para outra, cerca de cinco segundos, em média. Isto significa que, quando olham para um rosto, se prendem a uma parte por um tempo muito maior que as outras pessoas, construindo uma imagem cerebral de um conjunto de partes isoladas e não de um todo (SILVA, 2012, p. 44).

Direcionando para as aulas de Educação Física, o professor busca incentivar o aluno nas atividades e, nos casos de muita agitação ou falta de

interesse do mesmo, o professor encarrega o aluno como seu ajudante, demonstrando importância da participação do aluno na aula e utilidade do mesmo. No estudo de Souza e Fachada (2012, p.1) “Introduzir uma criança autista em uma atividade física seja ela individual ou coletiva exige uma atenção especial do Professor de Educação Física.”.

Portanto, pode-se perceber que, apesar das dificuldades encontradas pelos professores e pela mãe, (M., 2015):

“No primeiro ano de idade já percebi algo de estranho no meu filho, ele era muito agitado e conforme o crescimento dele a gente notou que ele não nos olhava , ficava isolado, era agressivo e tudo o que falávamos com ele era indiferente, além disso, ele vivia doente, tinha peso abaixo do normal. Com isso, procurei uma médica, ela me encaminhou para uma clínica, lá diagnosticaram que meu filho era autista. Nossa rotina de casa mudou muito desde a chegada do dele, primeiramente foi o abandono do pai, ele não aceitava esse transtorno, foi embora, não tinha paciência com ele. Raramente o pai visita ou passeia com ele. Comigo eu tento manter uma rotina em casa, tem dias que dá pra manter, outras vezes não consigo, devido ao comportamento dele.”

Toda a escola abraçou o aluno e a causa, mostrando que um aprendizado considerado difícil pode ser amenizado e controlado com a colaboração de todos os envolvidos, buscando assim, um ensino de qualidade e a inclusão propriamente dita, dentro e fora da sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas escolas acreditam ser inclusivas, somente por receber o aluno na instituição, ou seja, o aluno deve se adaptar ao meio para se sentir incluído. Nesse caso, o papel da escola está defasado em relação à verdadeira proposta da inclusão, que é modificar o meio para este se adequar ao aluno.

Pode-se concluir que as aulas de Educação Física, contribuem sim para o processo de aprendizagem do aluno, estimulando a relação entre professor e aluno, entre os alunos para uma melhor compreensão das atividades. Quando bem trabalhada e contar com profissionais dispostos a abraçarem a causa, não há dúvidas de que o aluno terá muitos ganhos. No caso de um aluno com transtorno de espectro autista, o professor deverá ter muita paciência, carinho e cautela para com o mesmo, buscando sempre entender que as atitudes do mesmo, são causadas devido ao seu transtorno.

Os professores da escola possuem uma relação amigável com o aluno, ocorrendo uma boa interação entre eles. Melhorando o processo de aprendizagem do aluno e sua socialização com a comunidade escolar.

Cada professor, em sua particularidade, busca formas e métodos para interagir e fazê-lo se interessar pelas suas aulas.

Saber que temos em mãos uma ferramenta que é capaz de formar cidadãos e ajudá-los na sua caminhada, nos faz sentir a necessidade de ir mais além do que se imagina ir, de acreditar no nosso potencial e, dessa forma, defender o que tanto buscamos, uma Educação Física de corpo e de mente, um corpo que pensa que age, que fala, que interage, que expressa, que sorri. Um corpo que vive.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, Joyce R. **A educação física como meio facilitador do desenvolvimento psicomotor do indivíduo com autismo.** UNIVERSO, 2011. Disponível

em:<[http://www.cref14.org.br/artigos/artigo%20simp\\_sio%20est\\_gio.pdf](http://www.cref14.org.br/artigos/artigo%20simp_sio%20est_gio.pdf)> Acesso em: 30 jan. 2016.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo.** São Paulo: Atheneu, 1993.

KHOURY, Laís Pereira et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar** : guia de orientação a professores [livro eletrônico]. -- São Paulo: Memnon, 2014.

LOPES, Daniele C.; PAVELACKI, Luiz F. **Técnicas utilizadas na educação dos autistas.** Universidade Luterana do Brasil, 2005 – Disponível em:<<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático.** 3ª edição. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2004.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, Ana B. B.; GAIATO, Mayra B.; REVELES, Leandro T. R. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

SOARES, Angélica M. and CAVALCANTE NETO, Jorge L. **Avaliação do Comportamento Motor em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma Revisão Sistemática.** *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2015, vol.21, n.3, pp.

445-458. ISSN1980-5470. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v21n3/1413-6538-rbee-21-03-00445.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na Escola**, em busca de uma escola plural. 2. Ed., Rio de Janeiro: ed. Sprint, 2009.

SOUZA, Guilherme L. de; FACHADA, Rosana. **Atividade física para crianças autistas**. Reconstruindo a base sócio-familiar.

EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano17, nº173, 2012. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/ef173/atividade-fisica-para-criancas-autistas.htm>>: Acesso em: 30 jan. 2016.

VIEIRA; BALDIN; FREIRE. **Inclusão escolar de alunos com autismo**: o que diz a literatura. GT5- Educação, Comunicação e Tecnologia, 2013.

Disponível

em:<[http://midia.unit.br/enfope/2013/gt6/inclusao\\_escolar\\_alunos\\_autismo\\_que\\_diz\\_literatura.pdf](http://midia.unit.br/enfope/2013/gt6/inclusao_escolar_alunos_autismo_que_diz_literatura.pdf)>Acesso em: 31 jan. 2016.

## **ANEXOS:**

### **1. QUESTIONAMENTO REALIZADO COM A MÃE DO EDUCANDO.**

1. Durante sua gestação houve alguma complicação? Se houve qual?
2. A criança durante sua infância mostrou algum comportamento incomum? Especifique.
3. Que medidas você tomou para diagnosticar o transtorno?
4. Houve alguma mudança no convívio familiar?
5. Qual a relação entre os pais e filho?
6. Quais as dificuldades encontradas no dia a dia? E as facilidades?
7. A criança participa de aulas no contra turno para ajudar no seu processo aprendizagem?
8. Qual a expectativa para o futuro da criança?

### **2. QUESTIONAMENTOS REALIZADOS COM OS (AS) PROFESSORES (AS) DO EDUCANDO.**

1. Como se dá a relação entre:
  - a) Aluno-professor
  - b) Professor-aluno
  - c) Aluno-aluno
2. Como você caracteriza o comportamento do aluno na aula?
3. Á quanto tempo em média você ministra aula para o aluno?
4. Durante sua convencia com o aluno, você notou alguma habilidade incomum do mesmo?
5. Quais os métodos utilizados para a realização das aulas?
6. Como ocorre o processo aprendizagem do aluno?